



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

O EMBIRRENTO DO BAIRRO

Por AGOSTINHO DOMINGUES

Nêlinho — assim era tratado na intimidade da família, aquele que, no baptismo, recebera o nome de Manuel Saraiva Pimentel — tinha a mania de embirrar por tudo e com todos, sem razão. Bem pequeno ainda, pouco mais de palmo e meio de altura, já era o tormento das criadas, que frequentes vezes se queixavam:

— «Minha senhora, o Nêlinho está a beliscar-me as pernas... O Nêlinho está a dar-me pontapés!...»

— «Esteja quiêto, Nêlinho!» — reprendia a mãe.

Mas o pequeno não só não obedecia, como ainda fazia caretas à mãe, que o adorava demasiado para o castigar.

Sem compreender bastante o amor da mãe, para o apreciar e dêle não abusar, foi crescendo em estatura e

maldade, a ponto de não poderem suportá-lo as criadas. Era raro o mês em que a criada, que entrava no mês anterior, não pedisse contas à patrão e mudasse de casa.

— «Mas porque queres deixar-me, rapariga? Ainda outro dia entraste... Não te tenho tratado bem? Falta-te alguma coisa?»

— «Não é nada disso, minha senhora. A casa é farta, não me falta nada, a senhora tem-me tratado bem, mas...»

— «Mas quê, rapariga? Fala! Dize o que tens a dizer...»

Demais sabia ela — e com que argumentação — que ia ouvir. E as criadas, lendo-lhe nos olhos o que lhe ia na alma, evitavam de lho dizer. Despediam-se, muitas vezes tão comovidas como a patrão, que elas sabiam não conseguir fazer nada do filho.

Bem se ralava a pobre mãe a admoestar e a aconselhar o endiabrado pequeno:

— «Viu, viu o que fez? Estou outra vez sem criada por causa do menino... Torna a bater-lhes, torna? Ande, diga...»

Nêlinho mal ouvia a mãe, que o agarrava e que fora forçada a largá-lo, tanto êle estrebuchou, dando-lhe safanões, pontapés e pisadelas.

— «Ah! meu maroto! Quando o seu pai vier, mata-o! Eu lhe contarei tudo, deixe estar...»

Já distante da mãe e a fazer diabruras, o malcriado apenas resmungava:

— «Pois sim, ralate!»

— «Eu não tenho medo dêle...»

No colégio, onde os pais se viram forçados a metê-lo, como semi-

interno, a-pesar-de estar a dois passos da casa, Manuel Saraiva



A.C.

Pimentel continuou a ser um vivo demônio, acrescentando, porém, aos seus modos irriquiétos, a malícia dos anos, a intriga e a inveja, que breve o tornaram antipático a todos os companheiros e professores.

— «Dize lá, Pimentel, que é um substantivo?» — perguntava-lhe, certo dia, o professor de português,

— «Substantivo... substantivo... é... Eu sabia, mas não me lembro.»

— «Não te lembras, ou não estudaste?»

— «Pois o João do Vale não me deixou estudar... Esteve sempre a brincar ao pé de mim...»

Sem a denúncia, muitas vezes falsa; sem a deslealdade tão feia e tão imprópria de colegiais é que ele não passava. Porquê? Porque sabia que as iras do professor, que justamente o ameaçavam, iam recair, imediatamente, sobre o acusado. Mas não era raro acontecer que o visado o desmascarasse, repelindo a acusação e sabendo a lição na ponta da língua.

Então, aumentava a aversão e o desejo de vingança dos companheiros, que, silenciosamente, das suas carteiras, quando ele ia sentar-se, lhe lançavam olhares e faziam gestos, que ele compreendia muito bem.

Queriam dizer:

— «Lá fóra, no recreio, é que tu mas pagas tódas.»

As vezes, ainda se voltava:

— «Senhor professor! Olhe, Fulano a ameaçar-me!...»

Mas isso de nada lhe valia. O professor já lhe não dava atenção, e os companheiros cumpriam o que prometiam, embora com mais benevolência do que ele merecia, só pela consideração e respeito que as suas famílias tinham pela fortuna dos pais do Pimentel.

Nos jogos, aos quais, com dificuldade era admitido, comportava-se da forma mais desastrada possível; mas, já que não brilhava nas aulas, queria triunfar nos recreios.

Estava-se, como agora, na época do jogo do pião. Coubera ao Pimentel deixar exposto às bicadas dos outros o seu pião, que, durante muito tempo, sofreu tratos de polé. Enraivecido, o animado goroto ansiava pela desforra. E a sua vez chegou. Mas, por azar ou castigo,

ao lançar, com tóda a fôrça, pela primeira vez, o seu pião contra o outro, sentiu cravar-se-lhe, junto de um olho, o férreo bico que ele desejaria vêr espetado em cada um



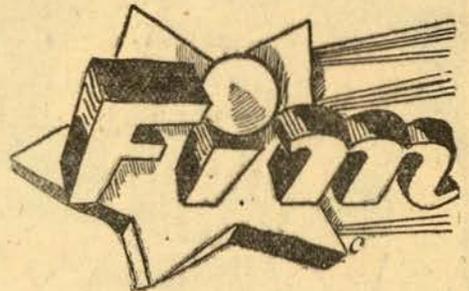
dos companheiros, tal a sede de vingança. A corda ficára presa à corôa do brinquedo; daí o desastre.

Escusado seria dizer que os companheiros do Pimentel, ao verem-no a jorrar sangue e a gritar, procuraram socorrê-lo — (sim, porque não eram tão maus como ele), — mas intimamente, como é natural, regosijavam-se com o castigo que dera a si próprio. E não foi pequeno castigo; não, senhores. Ainda hoje se nota a enorme e feia cicatriz, que, por estar tão perto de um olho, parece ter sido, também, um aviso.

Mas o pior castigo de Nêlinho não foi esse. As suas diabruras de casa, contadas em tóda aparte pelas criadas que se despediam e as suas intrigas e discórdias do bairro e do colégio, tornaram-no tão antipático a tóda a gente, apesar-de não ser feio, que ninguém o conhecia senão por o «Embirrento do Bairro». Quere dizer: de futuro. Manuel Saraiva Pimentel, ao assinar o seu nome, terá de acrescentar-lhe, se quiser que se saiba quem é, o feio epíteto, como usam os cadastrados, de o «Embirrento do Bairro».

*
*
*

Que maior castigo podem ter, neste mundo, as maldades do que a execração pública? E' que os maus nomes, mais facilmente que os bons, transmitem-se de geração em geração.



A. C.

Era uma vez uma porta

POR ALBERTO NEVES

Aquela orgulhosa porta
Era teimosa, era torta,
Era perversa, era má...
Tôda a noite e todo o dia,
Com persistência batia
Para lá e para cá...

Sua filha, a fechadura,
A-pesar-de ser bem dura,
Estava tôda partida...
Eis porque a porta, sua mãe,
Sempre, assim, nesse vai-vem,
Alegre passava a vida.

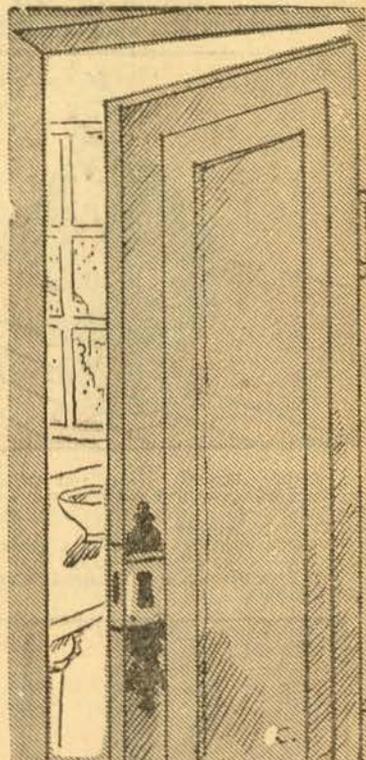
Sentia um grande prazer
Em andar sempre a bater
Por tudo e até por nada...
Com a filha não ralhava,
Pois se até a aconselhava
A conservar-se quebrada.

Mas, um dia, o seu patrão
Resolveu, e com razão,
Consertar a fechadura...
— Contratou um serralheiro,
Mandou vir um carpinteiro,
Para a porta estar segura...

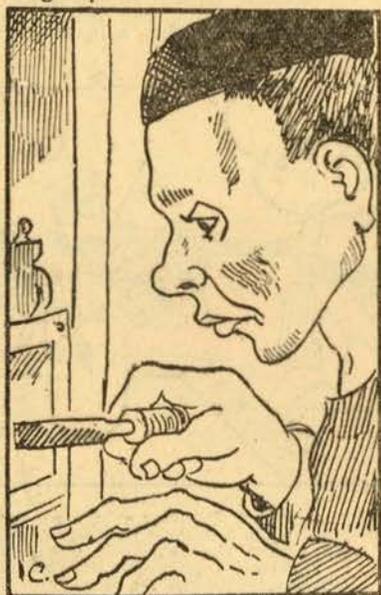
A fechadura arranjada,
Chora, então, arrelviada.
Calculem, façam ideia!...
Pois, só para maltratar,
— Até custa a acreditar —
Preferia antes ser feia.

Então, a mãe, a tal porta,
Que, como eu disse, era torta,
Murmura a choramingar:
— «Grande tristeza me alcança:
Já não masso a vizinhança,
Nem causo correntes de ar!...»

«Bem sei que sou atraente,
Mas, enfim, antigamente,
Muito mais feliz eu era!
Pois, então, escangalhada,
Puz muita gente irritada,
Era pior que uma fera...»



.....
Como a porta e a fechadura,
Eu sei de muitos meninos:
Que fazem triste figura,
Pois preferem ser rabinos...



A NEDOTAS

Certo dia, um analfabeto, chegando à estação telegráfica, pediu ao telegrafista que lhe redigisse um telegrama que pretendia expedir.

— «Para quem é e o que deseja mandar dizer?» perguntou o empregado, dispondo-se a escrever.

— «Que tem você com a minha vida?» — responde-lhe o analfabeto, muito irritado.

Um pequenino de 7 anos, tendo acabado de escrever uma carta, que endereçara à Madrinha, entregou-a à criada que, juntamente com outras que o pai escrevera, se dispunha a ir deitá-las na caixa do correio. Mas, ao vê-la misturar as cartas, exclama ingenuamente:

Concurso: — GRANDES de PORTUGAL

AVISO AOS CONCORRENTES

Terminando no próximo dia 25 a publicação da série de 100 figuras que constituem o nosso Concurso, avisamos os pequeninos leitores de que o prazo para a entrega das cadernetas, começa no dia 24 e termina no dia 10 de Janeiro próximo.

Tornamos a repetir, que as cadernetas deverão ser feitas à vontade dos concorrentes, trazendo colados os versos e desenhos, com a decifração. Terão, na capa, o nome e a morada do colecionador, devendo ser enviadas, pessoalmente ou pelo correio, a *Pim - Pam - Pum* Rua do Século, 43 Lisboa.

Depois de expirado o prazo da entrega, publicaremos os nomes dos «Grandes de Portugal».

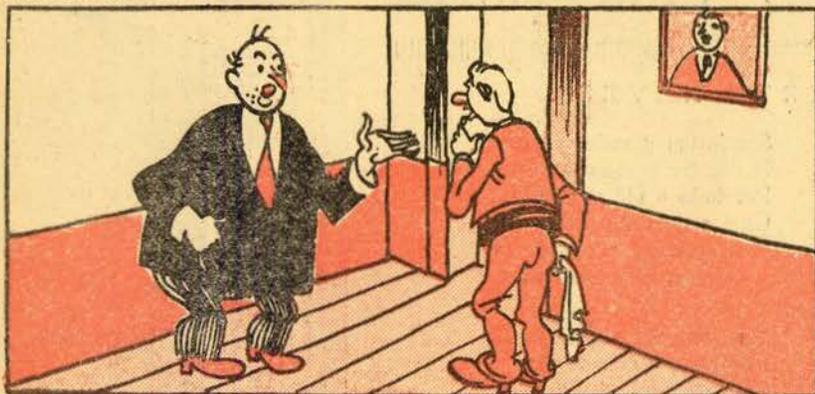
— «Não mistures a minha a essas, rapariga!»
— «Porquê, menino?»

— «Porque a minha vai para Barquinha e as outras levam outro destino».

M

O CRIADO DO SENHOR JEREMIAS

Por
ISABEL AREOSA



O senhor Jeremias tinha um criado da província destes muito simplórios que ainda não conheciam as boas maneiras dos criados finos da cidade.

O senhor Jeremias ralava-se a ensinar ao criado as boas maneiras com que devia acolher as pessoas que o iam procurar. E explicava-lhe:

— Quando eu estiver em casa e alguém vier perguntar por mim tu deverás dizer:

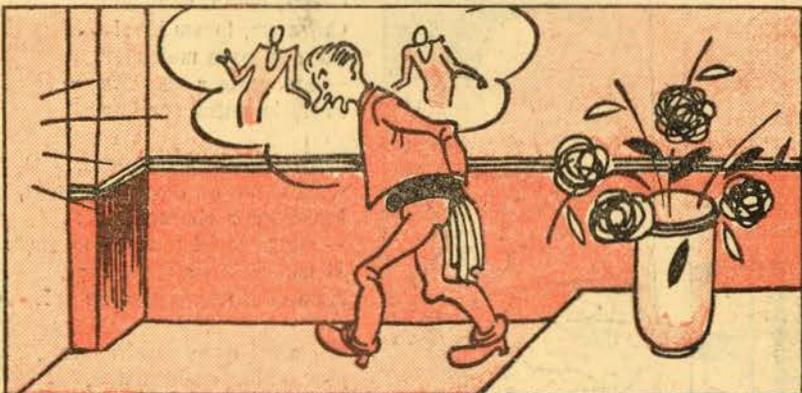
— «V. Ex.ª faz favor de entrar...» Conduzes a visita à sala e vais chamar-me.

Se vier alguém procurar-me e eu não estiver em casa, conduzes a visita à sala e deverás dizer:

— Mas que pena o sr. Jeremias não estar em casa!

Ou, então:

— «Logo, quando chegar, o sr. Jeremias vai ficar deveras desgostoso de não ter tido o prazer de receber a agradável visita de V. Ex.ª»



Quando a visita disser que voltará noutra ocasião, ao acompanhares a visita à porta, deverás dizer:

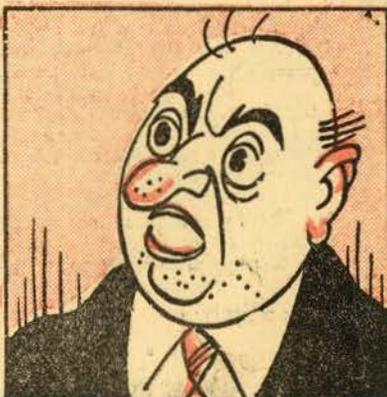
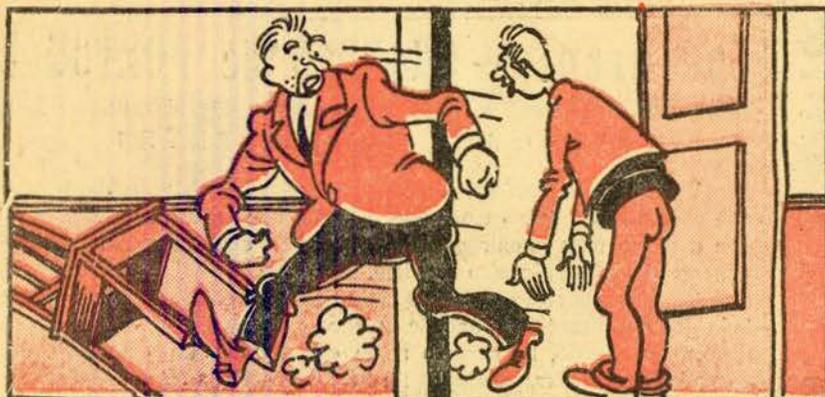
— «Oxalá que quando V. Ex.ª voltar, o sr. Jeremias tenha a sorte de estar em casa.»

Percebestes?

— «Percebi, sim senhor.»

O senhor Jeremias saiu e o criado andou todo o dia a decorar as frases de criado fino da cidade, ensinadas pelo patrão.

Estava ele precisamente repetindo pela décima centésima vez as tais frases, quando bateram à porta.



O criado do sr. Jeremias abriu a porta e conduziu à sala um homem de semblante iracundo que vociferava e esbracejava.

O criado do sr. Jeremias desfez-se em vérias e frases cortêzes tanto à entrada como à saída do tal senhor iracundo.

À noite, quando o Sr. Jeremias voltou, perguntou ao criado:

— «Veio cá alguém na minha ausência?»

— «Veio, sim, senhor. Veio um homem que disse que o Sr. Jeremias era um grande marau e que vinha cá para lhe dar um par de estalos e dois pontapés...»

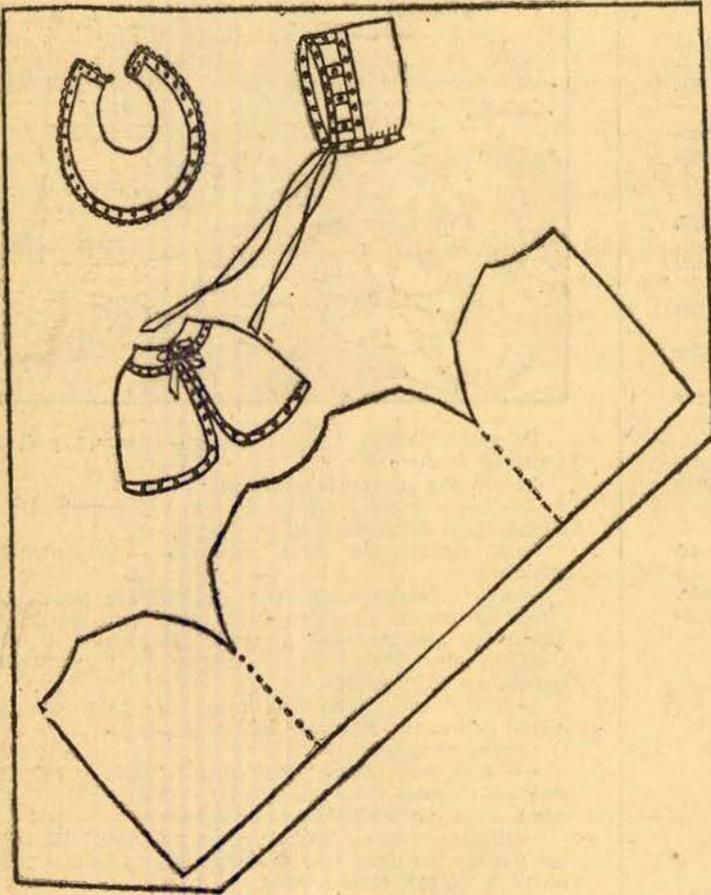
— «E tu o que lhe disseste?»

— «Eu disse-lhe:»

— «Mas que pena o Sr. Jeremias não estar em casa! Logo, quando chegar, o Sr. Jeremias vai ficar deveras desgostoso de não ter tido o prazer de receber a agradável visita de V. Ex.ª Oxalá que quando V. Ex.ª voltar o Sr. Jeremias tenha a sorte de estar em casa.»

O CESTINHO da COSTURA

SECCAO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA



Minhas queridas abelhinhas :

A estas horas, que imensidade de brinquedos e de outros presentes não andar4 já, por certo, o generoso Menino Jesus a preparar para a sua distribuição na noite de Natal.

Muito devem ter trabalhado as fábricas do céu! Eu nem quero pensar na azáfama que por lá vai.

Uns provêm do menino Jesus, outros dos Avós, dos tios, dos padrinhos, do Pai e da Mãe que sempre, nesta quadra, vos presenteiam com um lindo fatinho novo.

Segundo este belo exemplo, porque não hão-de, também, vocês confeccionar e oferecer uma *toilette* nova aos vossos bebês? É, como vêem, uma óptima idéa, que espero irão pôr em prática.

Vamos lá, então, buscar as agulhas, linhas e alguns retalhinhos, a-fim-de fazermos uma touca, *babette* e capa.

Cortem esta última de modo que lhes cubra o fatinho, para agasalhá-los bem. O melhor tecido será uma flanela de pêlos.

Como único enfeite, guarnecem estas três peças com nózinhos.

Continuarei a publicar, este mês, mais peças de vestuário, pois quero ver os vossos bebês confortáveis e janotas.

Vossa

Abelha Mestre

HISTÓRIAS DE FLÔRES

(Continuado da página 5)

— «Mas hás-de, primeiro, tirar a rosa e a reseda da jarra. Senão murcham. Quere dizer, morrem.»

— «Porquê não as tira a menina?» — perguntou o Romão, muito sonso.

Leonor, encheu-se de corágem e pegou nas flores, a médo, dizendo, apreensiva:

«—Sei lá, se não mordem!... A rosa parece até mais feia, desde que está má! — e, com esforço, desentrelaçara-a da reseda que pendia, emurchecida.

— «Está assim, com a sova que apanhou! É como o mano Zézinho, quando o mano Joaquim lhe dá pancada! O Zézinho é mais fraco, coitado!...»

O jardineiro sorria, ao ouvir as divertidas reflexões de Leonor.

— «Agora, a menina, torne a dar-me a rosa» — disse êle. Leonor entregou-lhe a flôr, já firme no seu pé.

Vai, o Romão foi apanhar uma molhada de cravos e umas margaridas.

Juntas essas flores com a rosa dentro da jarra.

— Estas, pode a menina levá-las para casa.

Verá que até murcharem, viverão sempre juntas, muito amigas.

— «Como eu e a Luzinha!»

— «Assim mesmo!»

— «Gosto tanto das tuas histórias verdadeiras! Tu és um sábio, Romão!» — exclamou Leonor, olhando o vêlhote, com a maior consideração.

O jardineiro tornou a rir e acrescentou:

— «A menina não se vai, sem ouvir mais esta. Há outras flores ainda piores!...

Essas não gostam de nenhuma das outras! Detestam tôdas!

E sabe qual é a pior das flores?»

— «Eu não! Dize lá!...»

— «Olhe aí para o canteiro à direita, cheio de lindas florinhas brancas.»

— «É o *muguet!*» — disse Leonor, com ar entendido.

— «Pois êsse lindo muguet é de tôdas as flores, a mais maldosa! Tem de viver separada, se não mata os companheiros!»

— «Estou a vêr que quanto mais lindas elas são, mais maldade têm! E eu que gostava tanto de vocês!» — rematou Leonor, desconsolada, dando palmadas sobre as florinhas, com pena que a sua formosura escondesse assim tanta maldade.

Hora de Recreio

Número 29
3.º CAMPIONATO

Secção Charadística

16 DEZEMBRO
1 9 3 7

RESULTADOS DO N.º 23

DECIFRAÇÕES

1 — Botelhas — bôlhas; 2 — Surrado surdo; — 3 Pintassilgo; 4 — Portugal; 5 — Quem seu carro unta seus bois ajuda; 6 — Quem vintem poupa, vin-tem ganha.

PRODUTORES

QUADRO DE DISINÇÃO

N.º 6 — Armando Jorge — 9 votos
N.º 5 — Nécas L. Mano — 5 votos

N.º 1 de Carlos F. Cotter Moreira, e n.º 2, de Carlos V. Sousa, 4 votos cada;

DEDIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Fred Cachimbeque, Pimpim, Pipecas, Alfredo Matos Boavida, Tomigas, Ezco Pais e Sob-Chavena. (Totalistas)

QUADRO DE MÉRITO

Homem-Sombra, Artur de Melo Cabral, Zé de Arganil, João de Almeida, Sandú, Crisante Taborada, Jaime Ferreira, Armando Jorge e Renato Rodrigo Paulo, 5; Jorge Pereira, José Antunes Baptista, Né-lito Arta, J. Guelhas, 4; Rex, Zé e Delca; 3.

ENIGMA PITORESCO



CHARADAS

NOVISSIMAS

2 — A base d'êste lençol de água parece mar 1-2.

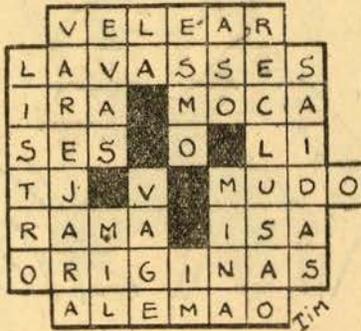
Pirolito

3 — Parte do corpo da videira dá semente de certos frutos. — 1-2.

Rabêta

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRAÇÃO DO PROBLEMA N.º 14



DECIFRADORES

Delca, Jorge A. Pereira, Tacos, Far, Armando Jorge, Jaime Ferreira, Pimpim, Renato R. Paulo, Né-lito Arta, Armando Garcia Felix, Maridália, Fred Cachimbeque, Alfredo Matos, Zé de Arganil, José Antunes Baptista Adriano Reis, Tivord, Martos, Pacatinha e Ezco Pais.

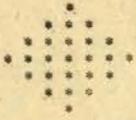
COMBINADA

4 — 1 + fã = trabalho
1 + te = nascente de água
1 + ba = chefe de tribu africana

Conceitos: Nome de homem

Né-lito Arta

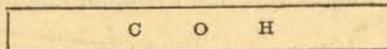
EM LOSANGO

5 —

 Consoante
 Após
 Palidez
 Civilização
 Brotas
 Gracejas
 Vogal

Paizinha

ENIGMAS TIPOGRÁFICOS

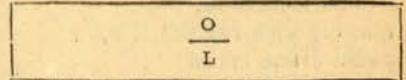
6 — Com duas letras,



8 letras

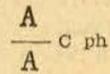
Nécas L. Mano

7 — (A gentil «Maridália»)



8 letras
Ricardito

8 — (Dedicado à «Maridália»)



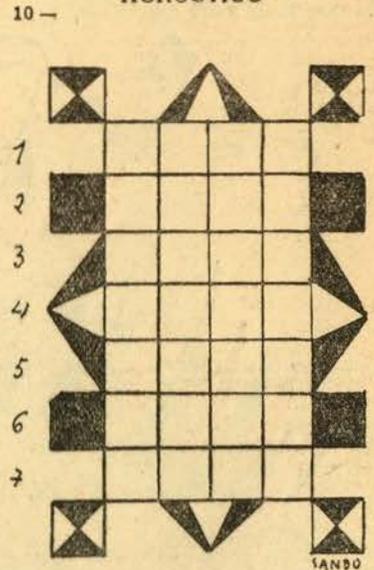
Sob — Chavena

17 letras
ENIGMA.

9 — Com duas letras
Mas não vogais,
Um belo bôlo,
Decerto achais.

Reporter Mistério

ACRÓSTICO



1 — Lugar de desembarque na margem dos rios ou no mar; 2 — Instrumento ofensivo ou defensivo; 3 — Régio; 4 — Rapariga; 5 — Peça de artilharia em forma de morteiro, para lançar granadas. 7 — Planície; 7 Ligar. Conceito (nas colunas laterais, marcadas com uma cruz): Dois portuguêses ilustres.

CORRESPONDENCIA

De Negro. — Na maioria, boas. Hoje, como atingisse a sua altura, ainda publicamos um trabalho firmado com o antigo pseudónimo, para não ser prejudicado. Cada campeonato é de 12 números, portanto o segundo começou com o n.º 13, o terceiro com o 25, etc.

TUDO O QUE É DEMAIS...

Por LAURA CHAVES

Porque já pinchava de alto
 e já nadava às pernasas,
 galgava as pedras dum salto
 em cabriolas faladas,
 aquela menina rã,
 que era uma rãzinha tôla,
 pediu à sua mamã
 que a mandasse para a escola.
 Como tinha boa voz
 queria saber cantar,
 dar os «rés» e dar os «dós»
 sem a garganta estragar.
 Foi para a escola da moda,
 que a mamã fez-lhe a vontade,
 e já dava a escala tôda
 com muita facilidade.
 Vai, passava o dia inteiro,
 dó, ré, mi, fá, sol, lá, si!
 nem saía do lameiro...
 — lá, sol, fá, si, dó, ré, mi!...

— «Minha filha está maluca,
 já não nada nem mergulha,



passa a vida, truca, truca,
 a berrar, a fazer bulha!»
 dizia a mãe da rãzinha,
 bastante penalizada.

Até que, certa tardinha,
 a rã tôda entusiasmada,
 soltou mais forte o seu trilo
 e com mimo, com capricho,
 que era mesmo um gôsto ouvi-lo,
 pôs-se a cantar o «Cochicho».
 E durante horas a fio
 tanto a rãzinha cantou
 que nem sequer pressentiu
 que um rapaz se aproximou,
 com cuidado, com cautela,



devagar, com pés de lâ....
 Caiu uma mão sôbre ela
 e era uma vez uma rã.

O que eu desejo, o que eu quero,
 é que fique bem provado
 que, na vida, o exagero
 dá sempre mau resultado.

F

I

M



BREVEMENTE:

Um novo e ORIGINAL CONCURSO